

ENGENHOS DE MUDANÇAS – I

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

caio@canaplan.com.br

“Toda la historia es solamente la narración del trabajo de ajuste, y los combates, entre la naturaleza extrahumana y la naturaleza humana.....”

José Martí, Obras Completas (1975) 23:44:5

O Século XX mostrou, certamente, as mais profundas mudanças havidas na história do homem, e nas suas relações com o meio ambiente. A tentativa insatisfatória da compreensão dos inúmeros fatos face as densas e complexas relações entre as mudanças sociais e ambientais criam grande confusão e controvérsias. Segundo J.R. Mc Neill¹, “Something New Under the Sun”, há uma simples resposta para esse complexo turbilhão que foi o século XX resumida, em duas tendências diretas – a efetiva conversão global ocorrida no sistema energético e baseada em combustíveis fósseis e o crescimento impressionante da população – além, obviamente, dos outros aspectos relevantes – comprometimentos políticos e ideológicos com o crescimento econômico e com o poderio militar. Ao colocar foco sobre esses temas centrais das enormes mudanças no século XX, o autor não traz reflexões mais profundas em outros parâmetros também complexos como as religiões e seu desenvolvimento, seus impactos sobre os povos nas diversas regiões do planeta, assim como sobre as raças humanas, com todas as causas e efeitos daí decorrentes.

O crescimento populacional explosivo naquele século, juntamente com os acelerados efeitos da urbanização, afetaram humanos e natureza de uma forma avassaladora, sem registro similar na história conhecida. Em 1800 (após Cristo), a população no Planeta Terra era pouco menor que 1 bilhão de pessoas; em 1950 eram 2,5 bilhões de pessoas; nos anos 2000, acima de 6 bilhões de pessoas habitam a Terra. Esses números fantásticos seriam ainda maiores, não fossem as duas Grandes Guerras do Século XX, sérios conflitos regionais e as doenças e pandemias que arrasaram populações.

O Século XX assistiu ao extraordinário vetor de mudanças provocadas pela mobilidade obtida pelo homem, graças a sua engenhosidade, fruto da sua

¹ J.R. Mc Neill é professor de história da Universidade de Georgetown.

ansiedade pelo novo; sua procura por qualidade de vida; além, obviamente, da sua busca incessante pelo poder e glória. Por outro lado, esse processo de mobilidade, caminho aberto que levou à globalização, somente inclui de fato momentos de debates intensos sobre os efeitos dessas ações humanas a partir da conscientização humana a respeito dos impactos de suas criações, em escala, sobre o meio ambiente.

A lógica entre o crescimento populacional, renda, mobilidade e poluição, no século XX, surge apenas com força a partir da década de 1970. De lá para cá, muito se tem analisado e aprendido sobre as reais causas aos efeitos verificados. Levou um tempo razoável para que os cientistas tivessem posição majoritária sobre o aquecimento do planeta causado pelas ações humanas. Muitos estudos nessa direção mostram que mais importante que os efeitos do crescimento populacional foi a intensa migração; juntamente com a constante queda nos custos de transporte e a maior integração dos mercados após 1870, as pessoas se moveram e migraram como nunca. Migrações em massa de regiões úmidas para secas e vice-versa, provocaram desertificação e erosão dos solos; também foram responsáveis pelo processo de desmatamento. Entre 1830 e 1920, somente a Europa enviou entre 55 milhões e 70 milhões de imigrantes para as Américas, Austrália e Sibéria. Uma grande minoria se engajou em agricultura como Ucrânios no Canadá e Italianos no Brasil. O mesmo ocorreu com Indianos (30 a 45 milhões) indo para Fiji, Malásia; Burma; Maurício, Natal, Trinidad e Guiana, enquanto Chineses foram ao Sudeste Asiático, Caribe, Califórnia (EUA) e Peru, entre outras destinações. As Grandes Guerras promoveram enorme migração. Todo esse choque cultural trouxe impactos enormes sobre o meio ambiente e as sociedades que receberam os imigrantes.

A urbanização, rápida, afetou profundamente o meio ambiente, com seu fantástico crescimento, na maior parte das vezes absolutamente desenfreado. Em 1800 haviam apenas 6 cidades no mundo com mais de 500.000 habitantes; em 1900, cerca de 800 cidades tinham mais de 500.000 habitantes, sendo que 14 já tinham 10 milhões! A geração de enormes quantidades de lixo, a morte de rios importantes e a poluição, juntamente com a mudança nos hábitos alimentares e no uso dos veículos pelo desejo e necessidade de ter mobilidade

faz mudar os carpetes de dejetos dos eqüinos pelos gases do escapamento dos veículos sofisticados, já no início do século XX.

A Evolução do Uso de Veículos no Séc. XX



Nas primeiras décadas do século XX, as forças motoras das mudanças já eram “clusters”: petróleo, eletricidade, automóveis, aviões, químicos, plásticos e fertilizantes, entre outros, além dos mais antigos (carvão, ferro, aço e estradas de ferro). Esses “clusters” e as rápidas mudanças na sociedade, economia e meio ambiente, com um desenvolvimento tecnológico e de qualidade de vida impensados, acabaram criando um cenário que hoje se considera insustentável.

A mola propulsora dessa maravilha que foi o século XX, foi a energia disponível e de fácil manipulação. Essa energia, de origem fóssil, seja carvão e/ou petróleo, movimentou o mundo e criou gigantes que extraíam, transportavam, processavam e entregavam esses combustíveis fósseis aos usuários finais. Esses consumidores, seja de energia elétrica, gás de cozinha ou combustíveis líquidos – gasolina/diesel, criaram a ponte entre as empresas do petróleo/automobilística, que, nas palavras de Oscar Wilde (um século atrás) traduzem os impactos e expectativas: **“A escravidão é errada, insegura e desmoralizante. Na escravidão mecânica, na escravidão das máquinas, depende o futuro do mundo”**. E, de fato, isso aconteceu! O maior problema, no entanto, foi que a dependência da máquina ao combustível

petróleo levou à dependência dos que não tem esse combustível, que levou à insegurança energética e, posteriormente, à descoberta dos efeitos altamente negativos dos usos desses combustíveis ao meio ambiente.

Imagine-se que em 1896, carros eram curiosidade de circos; em 1995, o mundo contava com 500 milhões de carros! Seus “primos”, tratores, revolucionaram a agricultura, juntamente com fertilizantes, sendo os nitrogenados vindos do processamento do petróleo – e viu-se com o uso da irrigação e de sementes selecionadas, a grande e formidável revolução verde.

Como caracterizado no texto, a tecnologia, os regimes energéticos e os sistemas econômicos, inter-relacionados, foram os campeões do século XX, com os veículos, seguramente, recebendo o título global do século XX como a tecnologia de maior impacto social e ambiental.

Mas essa equação de sucesso global mostrou um defeito perturbador: está causando o aquecimento global e perdas de biodiversidade! Isso leva a humanidade, em especial os Governos responsáveis, hoje com a forte pressão das Entidades não governamentais, a revisar a equação com o papel proeminente e decisivo do meio ambiente. E, ironicamente, será a tecnologia, com novos “clusters” e a nova ordem energética em ebulição, a resposta às necessidades de mudança.

As três principais forças do século XX – a industrialização com o uso dos combustíveis fósseis; o “Fordismo” e a lógica empresarial de produção em escala; e a integração econômica (hoje dita globalização), que tanto criaram prosperidade e poder, também provocaram massivas mudanças ambientais. Na década de 1970, os choques dos preços do petróleo e a criação da OPEP trouxeram outros argumentos relevantes ao claro processo de insegurança energética. As reações aos desequilíbrios econômicos das balanças comerciais dos países, face o peso do petróleo importado em países como o Brasil, foram profundas e desestabilizadoras. Muitos ainda pagam por isso.

No bojo desse movimento que surge com extrema importância na segunda metade do século XX, a procura por combustíveis alternativos e/ou a busca por tecnologias que reduzam o efeito das emissões de CO₂ e de outros gases de impacto local, passa a ser o foco dos países e instituições globais.

O Brasil, além do futebol, passou a ser o exemplo global da substituição dos combustíveis fósseis, do êxito do controle da inflação e do importante

domínio da tecnologia agrícola no mundo tropical. Por outro lado, na virada do século XXI, os países em desenvolvimento do chamado BRIC – Brasil, Rússia, Índia e China, em conjunto, crescem em ritmo que somado aos outros irão ultrapassar o consumo de combustíveis dos países industrializados na próxima década. Ou seja, a energia terá demanda crescente e essencial!

As alternativas energéticas, de forma geral, ainda não são econômicas e a reação dos países industrializados tem sido, infelizmente, de proteger o que chamam de sua jovem indústria de energia renovável (!). Através de taxas de importação, criam dificuldades enormes para, por exemplo, expandir positivamente o etanol da cana-de-açúcar dos trópicos, enquanto os derivados do petróleo não encontram barreiras nas fronteiras.

As questões dominantes no século XX – decorrência das Grandes Guerras e suas conseqüências; do desenvolvimento dos “clusters” do petróleo, aço e automobilismo, entre outros; e das ideologias que culminam com a queda do Muro de Berlim – giraram em torno da estratégia de segurança: Alimentar e Energética. Nesse clima, inicia o século XXI.

Os lobbies agrícolas no mundo desenvolvido souberam se aproveitar dessas estratégias, criando obstáculos ao livre comércio, barrando a pretendida evolução da OMC – Organização Mundial do Comércio e mantendo as distorções do mercado mundial para uma série de produtos, principalmente as commodities agrícolas ou as derivadas diretamente dessas agroindústrias.

No início do século XXI, o tema é extremamente relevante e recebe a nova onda da pressão contrária global, no arranjo dos interesses dos lobbies da agricultura/petróleo: Em meados da primeira década do século XXI, o petróleo atinge níveis de preços inacreditáveis e, em teoria, sem impactos nas inflações dos países, que permanecem baixas. É um novo fenômeno de mudança global; a ressuscitação das teorias de Malthus face a elevação dos preços das commodities, somada à criação de medidas protecionistas não tarifárias cunhadas como certificação – a prova que a agroenergia é sustentável será a única forma de exportações efetivas.

Sem dúvida alguma, a crise financeira de 2008 e os lobbies firmados abrem a nova luta contra/a favor das necessárias MUDANÇAS para um período melhor, o que será tratado no próximo artigo. Nesse novo período os

EUA mudam seu governo e há efetivas esperanças de nova liderança mais aberta e de bom senso, base para novas e positivas mudanças globais.